



## NESTE NÚMERO

- Bibliotema: Economia da Felicidade 1
- Destaques: Monografias 4
- Novos recursos de informação 5
- Dinheiro que se bebe:  
os blocos de chá no Oriente 6
- Análise de recursos electrónicos 8

## VIDEOS

## Economia é compatível com ética e felicidade



## Action for Happiness



## Editorial

O tema em destaque nesta Newsletter – a economia e a medição da felicidade – pode parecer surpreendente àqueles que vêem a economia como a ciência dos desmancha-prazeres e as estatísticas como apenas números, destituídos de interesse humano. No entanto, desde há muito que os economistas reconhecem as limitações analíticas de indicadores como o PIB e são inúmeros os estudos que tratam esse tema.

Nos últimos tempos, esse interesse aumentou, tanto por a realidade ter mostrado a fragilidade de indicadores tradicionais, como porque a disponibilidade de dados, as tecnologias para o seu tratamento e o próprio aprofundamento dos conceitos passaram a abrir novos horizontes de investigação. O [relatório da Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress](#), criada em 2008 por iniciativa do presidente Sarkozy e liderada por Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi, resume um conjunto de questões em aberto. Estas têm a ver com diversas limitações do PIB, em especial no que respeita à avaliação da qualidade de vida e aos problemas de sustentabilidade do desenvolvimento e do ambiente.

Inicialmente rejeitada como simples pretexto francês para relativizar a superior performance da economia americana, a temática tem vindo a ganhar um interesse crescente. Têm-se multiplicado os artigos científicos baseados em inquéritos à felicidade e, em 2011, até o World Economic Forum de Davos dedicou um painel ao tema. Contudo, o sentimento de bem-estar do ser humano permanece uma variável de difícil medição, influenciada por uma vasta combinação de factores exógenos que estão ainda muito longe de ser totalmente identificados, medidos e analisados. Esta é, por isso, uma área em que continuará a ser necessário um grande investimento em termos de investigação.

Algumas conclusões da economista Carol Graham num dos livros agora disponibilizados<sup>1</sup> merecem destaque a concluir esta nota:

Embora se encontrem padrões claramente estáveis nas determinantes da felicidade em qualquer parte do mundo, observa-se também uma notável capacidade humana de adaptação tanto à prosperidade como à adversidade. Por isso, os afegãos são tão felizes como os latino-americanos – ambos mais felizes que a média mundial – e os quenianos mostram-se tão satisfeitos com o seu sistema de saúde quanto os americanos. O crime faz as pessoas infelizes, mas quanto mais difundido, tanto menor a sua influência na felicidade; o mesmo sucede com a corrupção. [...] No fundo, as pessoas conseguem adaptar-se à maior adversidade e reter a sua alegria natural, mas podem também usufruir de praticamente tudo – incluindo boa saúde – e ser infelizes. Uma coisa a que as pessoas têm dificuldade em adaptar-se é a incerteza. [...] Na verdade, as pessoas parecem adaptar-se mais facilmente a uma realidade desagradável do que à incerteza.

Um ponto a merecer reflexão no desenho da políticas económicas.

**Teodora Cardoso**

Membro do Conselho de Administração do Banco de Portugal

<sup>1</sup> The pursuit of happiness: an economy of well-being. Washington: Brookings Institution Press, 2011.

GRAHAM, Carol

**The pursuit of happiness: an economy of well-being**

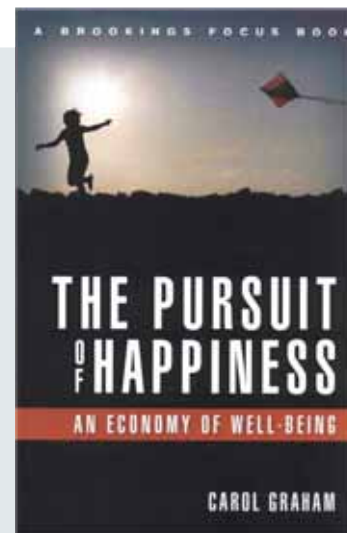
Washington: Brookings Institution Press, 2011. 164p. | ISBN: 978-0-8157-2127-7

Desde os primórdios da civilização que a procura da felicidade tem sido uma preocupação que abrange toda a humanidade. Carol Graham aplica técnicas estatísticas inovadoras para tentar escarpelizar este tema. A autora procura definir o conceito de felicidade sem esquecer que diferentes contextos originam diferentes perspectivas sobre o mesmo.

*The Pursuit of Happiness* explora os factores que explicam a enorme diferença entre os níveis de felicidade de Cuba, Afeganistão, Japão e Rússia, por exemplo. A partir daí, Carol Graham tenta perceber quais as vantagens e desvantagens de introduzir os novos conhecimentos provenientes da “economia da felicidade” no desenvolvimento de políticas públicas.

Este novo campo do conhecimento, que intersecta a economia e a psicologia, tem vindo a ganhar importância no panorama internacional como pode ser comprovado pela introdução de métricas de felicidade nas políticas governamentais de países como a França, o Brasil ou o Reino Unido. No entanto, ainda subsistem muitas dúvidas quanto à capacidade de medir o bem-estar de um país através dos chamados “indicadores de felicidade”.

A abordagem inovadora aliada a um estilo claro e acessível tornam este livro bastante interessante para quem pretende compreender os meandros da nova “economia da felicidade”.



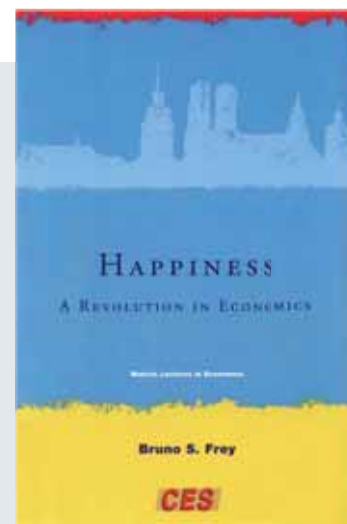
FREY, Bruno S. – **Happiness: a revolution in economics**

Cambridge: MIT Press, 2008. 240p. | ISBN 978-0-262-51495-8

Na última década surgiram vários trabalhos de economistas que abordam a avaliação da felicidade. Bruno Frey vai um pouco mais longe considerando a interligação entre estes dois campos uma autêntica revolução.

Embora a felicidade seja geralmente associada a altos níveis de rendimento, o autor chega à surpreendente conclusão que “o aumento dos níveis de rendimento *per capita* perde importância enquanto objectivo fundamental”. No entanto, esta conclusão não implica que o rendimento não afecte positivamente os níveis de felicidade. Na verdade, o rendimento tem um efeito positivo; contudo, este efeito é bastante reduzido quando comparado com o efeito de ter uma situação conjugal estável ou de viver num país democrático, por exemplo.

As principais críticas à investigação sobre a felicidade são a falta de clareza resultante dos múltiplos conceitos de felicidade; a confiança em dados subjectivos geralmente resultantes de questionários; e a possibilidade de causalidade inversa, isto é, é possível que sejam as pessoas mais felizes que têm maior probabilidade de ter relacionamentos estáveis e empregos compensadores e não o contrário. Porém, Frey consegue contornar estas críticas através de uma argumentação rigorosa, sempre acompanhada de exemplos práticos, tornando este livro um excelente guia para acompanhar a evolução da investigação da temática da felicidade utilizando ferramentas económicas.



## MONOGRAFIAS

- | AKERLOF, George A.; KRANTON, Rachel E. – **Identity economics: how our identities shape our work, wages, and well-being**  
Princeton: Princeton University Press, 2010. 185p.  
ISBN 978-0-691-14648-5
- | BOK, Derek – **The politics of happiness: what governments can learn from the new research on well-being**  
Princeton: Princeton University Press, 2011, 272p. |  
ISBN 978-0-691-15256-1
- | DOLAN, Paul; Layard, Richard – **Measuring subjective well-being for public policy: recommendations on measures**  
London: Economic & Social Research Council, Mar 2011. 23p.  
(Special Paper n.23)
- | HILL, Dan – **Emotionomics: leveraging emotions for business success**  
London: Kogan Page, 2010. 264p.  
ISBN 978-0-7494-6189-8
- | LAYARD, Richard – **Happiness: lessons from a new science**  
London: Penguin, 2011. 384p.  
ISBN 978-0-241-95279-5
- | POWDTHAVEE, Nick – **The happiness equation: the surprising economics of our most valuable asset**  
London: Icon Books, 2010. 320p.  
ISBN 978-1-84831-166-4
- | ROBERTSON, Ivan; COOPER, Cary – **Well-being: productivity and happiness at work**  
Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 240p.  
ISBN 978-0-230-24995-0

3

## ARTIGOS

- | BINDER, Martin; BROEKEL, Tom – **Happiness no matter the cost? An examination on how efficiently individuals reach their happiness levels**  
"Journal of Happiness Studies" 2011. 25p.
- | CARREE, Martin A.; VERHEUL, Ingrid – **What makes entrepreneurs happy? Determinants of satisfaction among founders**  
"Journal of Happiness Studies" May 2011. 17p.
- | GRAHAM, Carol – **Why are afghans smiling?**  
"The Washington Post" 13 Aug 2009. 2p.
- | GRAHAM, Carol – **Happiness economics: can we have an economy of well-being?**  
"Businessweek" 31 Jul 2011. 3p.
- | GURIEV, Sergei; ZHURAVSKAYA, Ekaterina – **(Un)happiness in transition**  
"Working Paper series CEFIR/NES" Dec 2007. n.111, 43p.
- | KAHNEMAN Daniel; DEATON Angus – **High income improves evaluation of life but not emotional well-being**  
"Psychological and cognitive sciences" 4 Aug 2010. 5p.
- | PÉREZ-ASENJO, Eduardo – **If happiness is relative, against whom do we compare ourselves? Implications for labour supply**  
"Journal of Population Economics" Oct 2011. v.24, n.4. p.1411-1442
- | REGO, Arménio – **Empregados felizes são mais produtivos?**  
"Revista de Estudos Politécnicos" Mai 2009. vol.VII, n.12. p.215-233
- | SELEZNEVA, Ekaterina – **Surveying transitional experience and subjective well-being: income, work, family**  
"Economic Systems" Jun 2011. v.35, n.2. p.139-157
- | STIGLITZ, Joseph; SEN Amartya – **Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress revisited: reflections and overview**  
Paris: Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress. Sep 2009. 291p.

## EM LANÇAMENTO \*

- | LEWIS, Michael – **Boomerang: the meltdown tour**  
London: Allen Lane, 2011. 240p.  
ISBN 978-1-84614-484-4
- | NASAR, Sylvia – **Grand pursuit: a story of economic genius: great 20th century economic thinkers and what they discovered about the way the world works**  
London: Fourth Estate, 2011. 554p.  
ISBN 978-1-84115-455-8
- | PRINGLE, Robert; JONES, Claire – **The future of central banking**  
London: Central Banking Publications, 2011. 158p.  
ISBN 978-1-902182-70-4
- | ROUBINI, Nouriel; DIAMOND, Jared – **The invisible hands: hedge funds off the record - rethinking real money**  
Hoboken: John Wiley & Sons, 2011. 480p.  
ISBN 978-1-118-06548-8
- | SACHS, Jeffrey – **The price of civilization: economics and ethics after the fall**  
London: Bodley Head, 2011. 352p.  
ISBN 978-1-84792-092-8

\* Escolha o título, nós compramos.

MOYNIHAN, Brendan

**Financial origami: how the Wall Street model broke**

New Jersey: Wiley, 2011. 170p.

ISBN 978-1-118-00181-3

*Financial Origami* descreve como Wall Street transformou obrigações simples como hipotecas em produtos financeiros que, embora sejam apresentados de forma diferente, têm as mesmas características dos já existentes no mercado. O autor utiliza a metáfora do origami para mostrar que, independentemente das dobragens que se façam ao papel, a folha não deixa de ser a mesma. Analogamente, o número de divisões de que uma hipoteca é alvo não altera a sua essência. Com efeito, a engenharia financeira permite alterar quem arca com as perdas mas não o valor total das mesmas.

Brendan Moynihan mostra que o principal impacto da utilização excessiva destes artificios financeiros foi o crescimento do endividamento de particulares encoberto por manobras financeiras como a titularização ou a emissão de *credit default swaps*. Esta dissimulação originou um crescimento da dívida para valores incomportáveis, abalando fortemente o sistema financeiro internacional.

O estilo claro e acessível torna este livro bastante útil para uma compreensão rápida mas rigorosa do impacto das manobras financeiras da bolsa de valores norte-americana no panorama financeiro internacional.



VAROUFAKIS, Yanis

**The global Minotaur**

London: Zed Books, 2011. 252p.

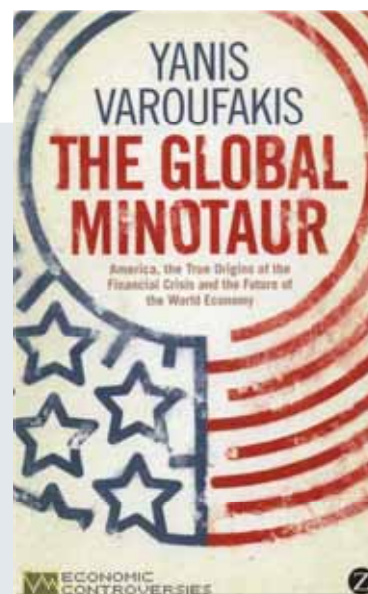
ISBN 978-1-78032-014-4

Yanis Varoufakis é professor de economia na Universidade de Atenas e um dos mais brilhantes e inovadores economistas da actualidade. *The Global Minotaur* é o seu primeiro livro direccionado para um público mais alargado. Numa prosa viva, mostra como a situação económica actual está fora do controle dos EUA, da UE ou qualquer outra nação do mundo.

O autor utiliza a terminologia da filosofia e da mitologia ao longo de todo o livro, interpretando a economia global como se de um Minotauro se tratasse e desacredita o mito de que a financeirização da economia, a deficiente regulação dos bancos, a ganância e a globalização são as causas da actual crise económica. O Minotauro nasceu após a "Grande Depressão" de 1929 e a criação do Sistema Monetário Internacional e tornou-se numa autêntica máquina que conduziu a economia mundial a partir do início de 1980 e até 2008. A actual crise mostra o enfraquecimento do Minotauro.

Na sequência desta análise, Yanis Varoufakis elenca os acontecimentos mais recentes que mudaram o mundo, modelando uma nova ordem económica global, chegando mesmo a apontar a falência do sistema capitalista.

O livro é um guia que nos permite compreender a actual crise económica, registando os desafios do nosso tempo e colocando diversas questões sobre a economia global que o autor considera ser um autêntico Minotauro.



## MONOGRAFIAS

- | BARRIOS, Salvador; LANGEDIJK, Sven – **EU fiscal consolidation after the financial crisis: lessons from past experiences**

Brussels: Dictus Publishing, 2011. 56p.  
ISBN 978-3-8433-9757-5



- | BIRDSALL, Nancy; FUKUYAMA, Francis – **New ideas on development after the financial crisis (forum on constructive capitalism)**

Baltimore: The John Hopkins University Press, 2010. 360p.  
ISBN 978-0-8018-9976-8



- | CARREIRA, Henrique Medina – **O fim da ilusão**

Carnaxide: Objectiva, 2011. 206p.  
ISBN 978-989-672-097-1



- | CHORAFAS, Dimitris N. – **Sovereign debt crisis: the new normal and the newly poor**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 288p.  
ISBN 978-0-230-29840-8



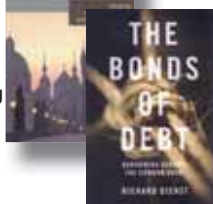
- | DELLA POSTA, Pompeo; TALANI, Leila Simona – **Europe and the financial crisis**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 282p.  
ISBN 978-0-230-28554-5



- | DIENST, RICHARD – **The bonds of debt: borrowing against the common good**

London: Verso, 2011. 192p.  
ISBN 978-1-84467-691-0



- | FARKAS, Hannah J.; MURPHY, Daniel C. – **The eurozone: testing the monetary union**

New York: Nova Science Publishers, 2011. 100p.  
ISBN 978-1-61209-113-6



- | FMI: **Os acordos com Portugal: 1977, 1983, 1984**

Lisboa: Bnomics, 2011. 127p.  
ISBN 978-989-8184-79-5



- | GROSS, Eva – **The europeanization of national foreign policy: continuity and change in european crisis management**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 216p.  
ISBN 978-0-230-30913-5



- | KALETSKY, Anatole – **Capitalism 4.0: the birth of a new economy**

London: Bloomsbury Publishing PLC, 2011. 448p.  
ISBN 978-1-4088-0973-0



- | KISSINGER, Henry – **On China**

New York: The Penguin Press, 2011. 586p.  
ISBN 978-159420-271-1



- | MANOLOPOULOS, Jason – **Greece's 'odious' debt: the looting of the Hellenic Republic by the euro, the political elite and the investment community**

London: Anthem Press, 2011. 304p.  
ISBN 978-0-85728-771-7



- | MARIMON, Ramon – **Life in the eurozone with or without sovereign default?**

Philadelphia: FIC Press, 2011. 77p. (e-book)  
ISBN 978-0-9836469-1-4



- | MOLYNEUX, Philip – **Bank strategy, governance and ratings**

Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 307p.  
ISBN 978-0-230-31334-7



- | PHELPS, Edmund S.; SINN, Hans-Werner – **Perspectives on the performance of the continental economies**

Cambridge, Mass: Mit Press, 2011. 500p.  
ISBN 978-0-262-01531-8



- | REIS, José; RODRIGUES, João – **Portugal e a Europa em crise: para acabar com a economia de austeridade**

Lisboa: Actual Editora, 2011. 199p.  
ISBN 978-989-694-021-8



## ARTIGOS E DOCUMENTOS DE TRABALHO

- | **Austerity versus stimulus**

Tonbridge: Fidelity International, 2011. 3p. (Market Perspective)

- | BROWNE, Frank; LLEWELLYN, David T. – **Regulation and banking after the crisis**

Vienna: SUERF, May 2011. 148p. (SUERF Study 2011/2)

- | CAMERON, David R. – **European responses to the economic crisis**

Washington: Yale University, 2010. 35p. (Annual meeting of the American Political Science Association)

- | COMISSÃO EUROPEIA – **Europa 2020: estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo**

Bruxelas: Comissão Europeia, Mar 2010. 38p. (COM/2010/2020 final)

- | EUROPEAN COMMISSION – **Economic crisis in Europe: causes, consequences and responses**

Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 2009. 95p. (European Economy, 7)  
ISBN 978-92-79-11368-0

- | MEYER-OHLENDORF, Nils; GÖRLACH, Benjamin – **Economic stimulus in Europe – accelerating progress towards sustainable development?**

Berlin: Ecologic Institute, 2009. 33p. (European Sustainable Development Network Meeting)

- | NUNES, Ana Bela; VALÉRIO, Nuno – **European modern economic growth**

Lisboa: ISEG, 2010. 110p. (Textos de Apoio. Teaching Texts Series, 1)

- | ZULEEG, Fabian; MARTENS, Hans – **Austerity loves company?**

Brussels: European Policy Centre, 2010. 4p. (Policy Brief Sep.)

## DINHEIRO QUE SE BEBE: OS BLOCOS DE CHÁ NO ORIENTE

6



Ao longo da história da humanidade, o dinheiro assumiu uma multiplicidade de formas surpreendente. Cereais, tâmaras, metais, utensílios, têxteis, conchas ou cabeças de gado, entre muitos outros, funcionaram nalgum momento da história — ou continuam nalguns casos ainda a fazê-lo — como meios de troca e pagamento eficazes nas mais variadas transacções de bens e/ou serviços, de acordo com as preferências culturais de cada contexto.

Contrariamente à moeda nas suas manifestações contemporâneas (metálica, fiduciária, electrónica, etc.), as formas de dinheiro ditas «primitivas» ou «pré-monetárias» desempenhavam uma pluralidade de funções e conservavam valor muito para além da esfera estritamente económica: podiam ser usadas na alimentação, em cerimónias comunitárias, oferendas religiosas e funerárias, e em toda uma variedade de práticas que exprimiam o modo de vida e as necessidades de cada comunidade. Uma vez que quase tudo podia ser usado em transacções e na expressão de equivalências entre bens e/ou serviços, virtualmente tudo podia ser dinheiro.

Os exemplos históricos abundam, da mais remota antiguidade à época contemporânea. Assim, no território da actual Turquia, a documentação legal hitita (c. 1650-1500 a.C.) fixava o preço de um machado de bronze em 50 litros de trigo ou cevada, e um salário de 1500 litros de cevada por 3 meses de trabalho nas colheitas. Nalgumas tribos da África Ocidental, durante a primeira metade do século XX, era possível comprar uma vaca por 20 a 30 feixes de varas de ferro retorcido (*Kissi pennies*). Recorde-se ainda o interessante caso da ilha de Tristão da Cunha, um território britânico no Atlântico Sul onde até meados do século XX o tabaco e as batatas constituíram os principais meios de troca.



Um dos exemplos mais curiosos a respeito dos instrumentos pré-monetários são os blocos de chá, uma forma de dinheiro com remotos antecedentes históricos utilizada entre os séculos XIX e XX na China, Mongólia — onde persiste até à actualidade —, Tibete, Birmânia (actual Myanmar) e Rússia. A sua produção envolvia em primeiro lugar a secagem das folhas ao sol. As folhas secas e seleccionadas eram então malhadas sobre chapas quentes, sendo o seu produto peneirado, fumegado com vapor de água e prensado em moldes. Enquanto os blocos de boa qualidade continham apenas folhas fermentadas, os de fraca qualidade continham ramagens, pedaços de madeira e fuligem, adicionada para conferir cor. Nalgumas regiões, como a Mongólia e o Tibete, a confecção artesanal de tortas ou blocos de chá envolvia a adição de ervas aromáticas, sangue de bezerro e por vezes excrementos de iaque, destinados a conferir maior consistência ao produto final.



Durante a segunda metade do século XIX, russos e britânicos muniram-se dos processos e experiência locais para estabelecerem diversas fábricas de chá na China, o que resultou num aumento significativo da produção de blocos: durante a década de 1870, a produção industrial de blocos nas fábricas de Fuzhou, cidade marítima do Sudoeste da China, superou as 6000 toneladas. A abundância de blocos de chá propiciou a sua transformação no principal meio de troca em uso na Mongólia, onde essa função era tradicionalmente desempenhada pelo gado ovino.

Aí, durante a década de 1870, 12 a 15 blocos de chá compravam uma ovelha, enquanto a aquisição de um camelo exigia 120 a 150 blocos, dependendo da qualidade e peso dos blocos. Apesar das dificuldades e custos de transporte que implicavam, os blocos eram facilmente divisíveis e apresentavam ainda a vantagem de poderem ser simplesmente empregues na preparação de infusões ou chá.

A partir de 1949, após a revolução comunista, os blocos de chá chineses adquiriram um novo aspecto que se manteve essencialmente inalterado até à actualidade. O exemplar recentemente incorporado na colecção do Banco de Portugal pesa aproximadamente 1,2 kg, apresentando na frente um pórtico ladeado por duas árvores, na secção central, cinco estrelas na secção superior e 14 caracteres chineses, na secção inferior, indicativos do fabricante e da empresa, fabricante e local de fabrico — «Empresa Nacional de Chá da China / produzido pela fábrica de blocos de chá de Zhaoliqiao». No verso, o bloco é atravessado por diversos sulcos que o dividem em 16 secções, tornando mais fácil a sua divisão.

A actual exposição permanente do Banco de Portugal alberga um núcleo inicial exclusivamente dedicado aos instrumentos pré-monetários, no qual os interessados poderão encontrar objectos de diversas origens e épocas utilizados como dinheiro: *Kissi pennies*, machados, cruzetas de cobre, caurins, facas, entre outros. A Biblioteca coloca ainda à disposição dos seus leitores diversos títulos consagrados à temática, nomeadamente:

- OPITZ, Charles  
**An ethnographic study of traditional money**, 2000  
(cota BB 00-59527)
- EINZIG, Paul  
**Money in its ethnological, historical and economic aspects**, 1966  
(cota F.F. 9250)
- QUIGGIN, Alison  
**A survey of primitive money**, 1949  
(cota F.F. 9250)



## Action for Happiness

<http://www.actionforhappiness.org>

ACTION FOR HAPPINESS

O movimento *Action for Happiness* foi criado em 2010 por Richard Layard, Geoff Mulgan e Anthony Seldon, figuras influentes, pertencentes a organizações como a London School of Economics ou o Wellington College. Este movimento foca-se na criação de uma sociedade mais feliz e com uma atitude positiva em relação à vida, a si próprio e aos outros.

8

Na página principal, podemos ler sobre os objectivos desta organização, ver um [vídeo](#) sobre emoções positivas, aderir ao movimento e encontrar as razões para o fazer; ler algumas dicas para nos sentirmos gratos e felizes e também fazermos feliz quem nos rodeia.

No item *Why happiness* encontramos as razões para sermos felizes enquanto indivíduos e darmos a nossa contribuição para uma sociedade mais feliz. As razões apresentadas são muitas desde a saúde até à situação financeira. Podemos ainda encontrar as filosofias que inspiraram o movimento e uma secção de perguntas e respostas.

A secção *Groups and events* proporciona contactos com os elementos da organização e dá a conhecer os eventos subordinados ao tema da felicidade.

## The New Economics Foundation

<http://www.neweconomics.org>



*The New Economics Foundation* (nef) é um centro de investigação independente sediado nos Estados Unidos da América que estuda e fomenta o bem-estar económico a nível internacional. O objectivo desta organização é aumentar os níveis de qualidade de vida através da promoção de soluções inovadoras que desafiam as premissas económicas e sociais aceites pela comunidade internacional.

Na página desta organização é possível acompanhar a actualidade económica e social, seguir as actividades e eventos promovidos pelo nef e aceder gratuitamente às publicações editadas em diversas áreas como as alterações climáticas, o sistema financeiro ou a desigualdade de rendimentos.

A permanente actualização de conteúdos e a incontestável relevância das temáticas abordadas faz com que este recurso electrónico seja indicado para todos os interessados em acompanhar uma abordagem inovadora aos temas que dominam a esfera económica global.

	MAIS DE 60 000 MONOGRAFIAS MAIS DE 1500 TÍTULOS DE PERIÓDICOS RECURSOS ELECTRÓNICOS RELATÓRIOS E CONTAS INSTRUÇÕES DO BANCO DE PORTUGAL LEGISLAÇÃO NACIONAL E COMUNITÁRIA COLECCÃO DE OBRAS IMPRESSAS ENTRE OS SÉCS. XVII E XIX CONSULTA DE COLECCÕES E OBRAS EDITADAS PELO BANCO DE PORTUGAL ELABORAÇÃO DE PESQUISAS POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS SERVIÇO DE FOTOCÓPIAS ACESSO À INTERNET DISPONIBILIZAÇÃO DE JORNAIS	<b>Sala de Leitura</b> R. Francisco Ribeiro, 2 1150-165 Lisboa  ENTRADA LIVRE De 2.ª a 6.ª feira 9.00 - 16.00 (entrada até às 15.00)  Tel: +351 213 130 705 Fax: +351 213 128 116 <a href="mailto:biblioteca@bportugal.pt">biblioteca@bportugal.pt</a>	
	<a href="http://www.bportugal.pt">www.bportugal.pt</a>		

### Ficha Técnica